

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



**CORPOS QUE CONTAM HISTÓRIAS: diversidade, respeito e
autoconhecimento na escola**

Flávio da Silva Costa¹
Rillairy Faustina Rodrigues da Silva²

Resumo: o presente artigo apresenta o relato e a análise de uma intervenção pedagógica desenvolvida no contexto do Curso de Formação Continuada Corpos e Diversidade na Educação CDE 2025, realizada na Escola Municipal Donatília Macedo, no município de Davinópolis, Maranhão, com uma turma do 9º ano do ensino fundamental, majoritariamente composta por estudantes negros. A proposta intitulada Corpos que contam histórias: diversidade, respeito e autoconhecimento na escola teve como objetivo problematizar concepções normativas sobre o corpo e promover reflexões críticas acerca de gênero, raça, identidade e pertencimento no espaço escolar. Fundamentada na compreensão do corpo como construção histórica, social e política, a intervenção dialoga com perspectivas teóricas que analisam performatividade, relações de poder e pedagogia dialógica. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa, de natureza interventiva e reflexiva, estruturada a partir de roda de sensibilização, dinâmica oral orientada pela frase disparadora “Meu corpo conta...” e socialização problematizadora coletiva. Os resultados evidenciam que a criação de espaços de escuta e partilha de narrativas corporais favorece o fortalecimento da autoestima, a ampliação da consciência crítica sobre preconceitos estruturais e a valorização das experiências individuais como saberes legítimos. Conclui-se que práticas pedagógicas centradas na escuta, no reconhecimento das diferenças e na problematização das normatividades constituem estratégias relevantes para a promoção de uma educação inclusiva, antirracista e humanizadora.

Palavras-chave: Corpo; Diversidade; Educação; Identidade; Intervenção pedagógica.

¹ Graduando de Licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia, pela Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. As áreas de interesse e pesquisa abrangem a moda, gênero e questões ambientais no âmbito regional e estadual. fhlaviocoasttha@gmail.com

² Graduanda de Licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia, pela Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Pesquisa os eixos racial, cultural e patrimonial, com ênfase nas questões afro-brasileiras, nas expressões e negociações culturais da negritude, como o rap e o reggae, no movimento negro e nas dimensões de gênero articuladas às experiências raciais. faustina.rill@gmail.com

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



BODIES THAT TELL STORIES: Diversity, Respect and Self-Knowledge in School

Abstract: this article presents the report and analysis of a pedagogical intervention developed within the Continuing Education Course Bodies and Diversity in Education CDE 2025, carried out at Donatilia Macedo Municipal School in the municipality of Davinópolis, Maranhão, Brazil, with a 9th grade class predominantly composed of Black students. The proposal, entitled Bodies that Tell Stories: Diversity, Respect and Self-Knowledge at School, aimed to problematize normative conceptions of the body and to promote critical reflections on gender, race, identity and belonging within the school context. Grounded in the understanding of the body as a historical, social and political construction, the intervention draws on theoretical perspectives that address performativity, power relations and dialogical pedagogy. Methodologically, a qualitative, intervention-based and reflective approach was adopted, structured around a sensitization circle, an oral activity guided by the prompt “My body tells a story of...” and a collective critical dialogue. The results indicate that creating spaces for listening and sharing embodied narratives contributes to strengthening students’ self-esteem, expanding critical awareness of structural prejudice and recognizing individual experiences as legitimate forms of knowledge. The study concludes that pedagogical practices centered on listening, recognition of differences and critical engagement with normative frameworks are meaningful strategies for promoting inclusive, anti-racist and humanizing education.

Keywords: Body; Diversity; Education; Identity; Pedagogical intervention.

INTRODUÇÃO

O debate acerca do corpo e da diversidade no contexto educacional tem ganhado centralidade nas discussões contemporâneas, especialmente diante das tensões sociais que atravessam a escola e evidenciam disputas em torno de gênero, raça, sexualidade e pertencimento. Em um cenário marcado por desigualdades estruturais, discursos conservadores e tentativas de silenciamento das diferenças, pensar o corpo na escola constitui um gesto político e pedagógico. Não se trata apenas de reconhecer diferenças biológicas ou físicas, mas de compreender o corpo como território de identidade, memória, cultura e poder.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



A escola, enquanto instituição social, não apenas transmite conteúdos formais, mas também produz sentidos sobre normalidade, adequação, disciplina e reconhecimento. Ela organiza espaços, regula comportamentos, estabelece padrões e naturaliza hierarquias. Nesse processo, determinados corpos são legitimados, enquanto outros são alvo de vigilância, correção ou invisibilização. Corpos negros, femininos, dissidentes de gênero, corpos gordos ou considerados fora do padrão frequentemente ocupam lugares marcados pela marginalização simbólica.

É nesse contexto que se insere a presente reflexão. Este artigo apresenta o relato e a análise de uma intervenção pedagógica realizada com estudantes do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Donatilia Macedo, localizada no município de Davinópolis, Maranhão, no âmbito do Curso de Formação Continuada Corpos e Diversidade na Educação CDE 2025. A proposta intitulada Corpos que contam histórias: diversidade, respeito e autoconhecimento na escola buscou reconhecer os diferentes corpos presentes no ambiente escolar e promover reflexões críticas sobre identidade, pertencimento e respeito às singularidades.

A motivação para a intervenção emergiu da observação, no cotidiano escolar, de discursos e práticas que, ainda que naturalizados, reforçavam padrões normativos sobre corpo, gênero, comportamento e aparência. Comentários aparentemente inofensivos sobre cor da pele, cabelo, forma física ou modos de expressão revelavam a permanência de hierarquias simbólicas que atravessam a experiência dos estudantes. Diante disso, tornou-se necessário criar um espaço pedagógico intencionalmente dialógico, capaz de problematizar essas normas e promover o fortalecimento da escuta, da empatia e da consciência crítica.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS



Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão de corpo que orienta este estudo parte da ideia de que ele não é apenas um dado biológico, algo puramente natural e fixo. O corpo é atravessado por histórias, discursos, normas e relações de poder que o moldam constantemente. Ele é produzido socialmente, significado culturalmente e regulado institucionalmente. Aquilo que entendemos como natural muitas vezes é resultado de processos reiterados que se consolidam ao longo do tempo.

Pensar o corpo como construção implica reconhecer que gênero, identidade e formas de expressão não emergem de uma essência imutável, mas de práticas repetidas, legitimadas e esperadas socialmente. A aparência de naturalidade que recobre determinados comportamentos ou modos de ser é sustentada por normas que se reproduzem cotidianamente. Assim, o corpo torna-se palco de expectativas, regulações e enquadramentos que definem o que é considerado adequado, aceitável ou desviante.

Essa compreensão se articula também à ideia de que o corpo é atravessado por relações de poder. Instituições como a escola organizam o tempo, o espaço e os gestos. Há hora para falar, forma correta de sentar, maneira adequada de vestir, postura esperada diante da autoridade. Esses dispositivos não são neutros. Eles produzem sujeitos, classificam comportamentos e estabelecem padrões de normalidade. No entanto, se o corpo é disciplinado, ele também carrega a possibilidade de resistência. Nos pequenos gestos, nas narrativas compartilhadas, nas formas de existir que escapam às normas, encontram-se brechas para reinvenção.

Ao mesmo tempo, uma educação comprometida com a transformação social exige escuta. Reconhecer a experiência do estudante como saber legítimo desloca a lógica tradicional da transmissão unilateral de conhecimento. Quando a escola abre espaço para que os sujeitos falem de si, de suas vivências e de suas dores, ela rompe com a hierarquia que coloca apenas o conteúdo formal como conhecimento válido. Narrar o próprio corpo é afirmar-se como sujeito histórico.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



Gênero e sexualidade atravessam o cotidiano escolar de forma muitas vezes silenciosa, mas profundamente estruturante. A escola ensina, ainda que de maneira implícita, quais corpos são considerados normais, quais expressões são toleradas e quais devem ser corrigidas. Questionar essas normatividades significa enfrentar desigualdades que se manifestam tanto nas palavras quanto nos silêncios.

Uma pedagogia engajada pressupõe que a sala de aula possa se tornar espaço de acolhimento e transformação. Afeto e criticidade não são opostos, mas dimensões complementares de uma prática educativa comprometida com a dignidade humana. Criar um ambiente seguro para a expressão das diferenças não significa eliminar conflitos, mas mediá-los com responsabilidade ética e abertura ao diálogo.

Essas perspectivas fundamentaram a intervenção realizada. Compreender o corpo como construção social e espaço de disputa simbólica permitiu que uma roda de conversa ultrapassasse o caráter meramente participativo e se tornasse um exercício de reconhecimento, escuta e ressignificação das experiências vividas pelos estudantes.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza interventiva e reflexiva, configurando-se como relato de experiência fundamentado na observação participante. A intervenção foi realizada com uma turma do 9º ano do ensino fundamental, composta por 12 estudantes, sendo 11 frequentes, majoritariamente negros, no turno vespertino, no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa. A atividade intitulada “Mapa do Corpo que Conta Histórias” foi organizada em três momentos articulados entre si, pensados para conduzir os estudantes de um movimento de introspecção individual para um exercício coletivo de escuta e reconhecimento.

1. Roda de sensibilização:

A turma foi organizada em círculo, com as cadeiras posicionadas de modo que

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



todos pudessem se ver. A escolha pela roda não foi aleatória, pois rompe simbolicamente com a disposição hierarquizada tradicional da sala de aula e favorece a horizontalidade do diálogo.

Inicialmente, solicitou-se que os estudantes fechassem os olhos por alguns instantes. Foi proposto que refletissem silenciosamente sobre duas questões orientadoras: o que meu corpo me permite fazer e quais histórias ele carrega. O objetivo não era provocar exposição imediata, mas criar um espaço de interiorização. O silêncio foi mantido por aproximadamente dois a três minutos, tempo suficiente para que a turma experimentasse uma pausa do ritmo habitual da aula. Durante esse momento, buscou-se orientar a respiração de maneira tranquila e convidar à percepção do próprio corpo no espaço, estimulando uma consciência corporal que ultrapassasse a dimensão estética e alcançasse memórias, experiências e sentimentos.

2. Dinâmica oral “Meu corpo conta...”:

Após o momento de sensibilização, foi apresentada a frase disparadora: “Meu corpo conta uma história de...”. Cada estudante, de forma voluntária, poderia completar a frase oralmente. Foi explicitado que ninguém seria obrigado a falar e que o silêncio também seria respeitado. Como alternativa, quem não se sentisse confortável poderia dizer apenas: “Meu corpo conta histórias que ainda estou aprendendo a entender”.

Essa estratégia foi pensada para reduzir a ansiedade e evitar exposição forçada, criando um ambiente seguro de participação. As falas ocorreram de forma espontânea, sem interrupções. A mediação docente consistiu principalmente na escuta atenta, intervindo apenas quando necessário para aprofundar alguma reflexão ou problematizar de forma cuidadosa determinadas colocações que reproduzissem estereótipos. As narrativas não foram julgadas nem avaliadas sob critérios formais de linguagem, pois o foco estava na expressão da experiência. O tempo de fala variou conforme a disponibilidade emocional de cada estudante, respeitando os limites individuais.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



3. Socialização e problematização coletiva:

Após as falas individuais, abriu-se um momento de diálogo coletivo. Nesse estágio, buscou-se identificar elementos recorrentes nas narrativas, como experiências de preconceito, superação, insegurança ou orgulho identitário. A mediação conduziu a turma a refletir sobre como determinadas experiências não eram isoladas, mas compartilhadas por mais de um estudante.

Foram lançadas perguntas problematizadoras, como: por que certos corpos são mais julgados que outros? Quem define o que é considerado normal? Como podemos tornar o ambiente escolar mais respeitoso? Essas questões ampliaram a dimensão individual da narrativa para um plano social e crítico. O encerramento da atividade reforçou a ideia de que cada corpo carrega histórias legítimas e que a escola deve ser espaço de acolhimento e respeito às diferenças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o momento inicial da roda de sensibilização, foi perceptível a curiosidade e, simultaneamente, a cautela dos estudantes diante da proposta. O convite para fechar os olhos e refletir sobre as histórias que seus corpos carregavam produziu um silêncio reflexivo, marcado por concentração e introspecção. Durante a dinâmica oral, emergiram narrativas diversas que revelaram dimensões profundas da experiência juvenil. Alguns estudantes compartilharam histórias de superação relacionadas a dificuldades familiares. Outros mencionaram questões de autoestima, inseguranças e medos. Chamou atenção a recorrência de relatos que envolviam preconceito racial e julgamentos estéticos relacionados à cor da pele e às características físicas.

Esses depoimentos evidenciam como o corpo opera como marcador social. Em uma turma majoritariamente composta por estudantes negros, a racialização do corpo apareceu como elemento estruturante da experiência escolar. Comentários sobre cabelo,

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



tonalidade de pele e aparência revelaram como o racismo se manifesta em microagressões cotidianas muitas vezes naturalizadas. Confirma-se, assim, que o corpo é atravessado por relações de poder que produzem hierarquias e classificações.

Entretanto, o espaço de fala possibilitou também a emergência da resistência. Ao narrar suas histórias, os estudantes não apenas expuseram vulnerabilidades, mas afirmaram identidades e reivindicaram reconhecimento. Como um estudante afirmou:

Meu corpo conta uma história de coisas que eu já senti e às vezes não sei explicar direito. Tem dias que eu não gosto muito dele, mas tem dias que eu sinto orgulho, porque ele já passou por muita coisa comigo. Meu corpo mostra quando eu tô triste, quando eu tô com medo e quando eu tô feliz. Aqui eu percebi que todo mundo tem uma história diferente e que não é certo rir do corpo do outro, porque a gente não sabe o que ele já viveu.” (Estudante do 9º ano, Escola Municipal Donatília Macedo, Davinópolis/MA – relato anônimo)

O ato de dizer “meu corpo conta uma história” se transformou-se em gesto de afirmação e reconstrução simbólica. A postura docente foi fundamental nesse processo. A escuta sensível, a ausência de julgamentos e a mediação cuidadosa criaram um ambiente de confiança. Em momentos nos quais surgiram falas que reproduziam estereótipos, a intervenção ocorreu de forma problematizadora, convidando à reflexão crítica. Essa postura dialoga com a pedagogia freireana e com a perspectiva de hooks sobre a sala de aula como espaço de transformação.

Os resultados indicam que a criação de espaços dialógicos contribui para o fortalecimento da autoestima dos estudantes, para a ampliação da consciência crítica sobre preconceitos estruturais, para a promoção do respeito às diferenças e para a valorização das experiências individuais como fonte legítima de conhecimento. A experiência demonstrou que práticas pedagógicas centradas na escuta e no reconhecimento das vivências corporais produzem impactos que extrapolam o conteúdo curricular, alcançando dimensões subjetivas e políticas da formação.

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES

DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Figura 1 – Roda de conversa durante dinâmica



Fonte: Flávio da Silva Costa (2026)

Figura 2 – Roda de conversa durante dinâmica



Fonte: Flávio da Silva Costa (2026)

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Figura 3 – Roda de conversa durante dinâmica



Fonte: Fonte: Flávio da Silva Costa (2026)

Figura 4 – Roda de conversa durante dinâmica



Fonte: Fonte: Flávio da Silva Costa (2026)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada evidencia que a discussão sobre corpo e diversidade deve ocupar lugar central na prática pedagógica contemporânea, especialmente em contextos marcados por desigualdades raciais e sociais. Reconhecer o corpo como dimensão constitutiva da identidade significa compreender que a formação escolar envolve dimensões cognitivas, emocionais, sociais e políticas.

Ao possibilitar que estudantes narrassem suas histórias corporais, a intervenção

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Corpos que contam histórias contribuiu para a construção de um espaço de reconhecimento mútuo e afirmação identitária. A atividade demonstrou que metodologias fundamentadas teoricamente e mediadas com intencionalidade crítica podem se tornar instrumentos potentes de transformação no cotidiano escolar.

Mais do que uma dinâmica pontual, a experiência aponta para a necessidade de incorporar práticas dialógicas de forma contínua no currículo, reafirmando o compromisso da escola com uma educação inclusiva, antirracista e humanizadora. Nesse sentido, o corpo deixa de ser apenas objeto de controle disciplinar e passa a ser reconhecido como território de história, dignidade e resistência.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.